Introdução ao Atlas Lingüístico e Folclórico do Cariri

FLORIVAL SERAINE

Convivendo em Fortaleza com pessoas naturais do Cariri, recém-chegadas dessa zona, podemos observar, desde vários anos, certas peculiaridades lingüísticas regionais, não ocorríveis no falar comum aos cearenses da Capital do Estado.

Em 1937, ao elaborar nosso primeiro trabalho de cunho dialetológico, procedemos a extenso inquérito visando à pronúncia cearense e, nessa tarefa, logramos entrar em contacto com alguns caririenses, situados em níveis sócio-culturais diferentes, os quais nos proporcionaram o registro de fatos característicos no âmbito da fonética e da sintaxe, cujo valor cartográfico ainda hoje não vacilamos em admitir. (1)

Prosseguindo no mesmo campo da investigação regional, com o objetivo de traçar as isoglossas de determinadas ocorrências léxicas e gramaticais, atrevemo-nos a apresentar ao X Congresso Brasileiro de Geografia, efetuado no Rio de Janeiro, em 1944, "Dois Mapas Lingüísticos do Ceará", um dos quais veio a lume nos **Anais** desse conclave. (2)

Cônscios de que, em parte, faltava aos nossos trabalhos o caráter científico exigido nas prescrições metodológicas da Geografia Lingüística, porquanto, embora se apoiassem em dados fidedignos, estes haviam sido coligidos em Fortaleza, sem recorrermos ao instrumental hoje indispensável, ficamos a aguardar a oportunidade de poder efetuar as pesquisas **sur place**, de maneira sistemática e atualizada.

Em julho de 1967, portanto mais de vinte anos após a divulgação da carta mencionada, se nos ofereceu o ensejo de, pelo menos, iniciá-las.

---

(1) — Seraine, F. — CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA PRONÚNCIA CEARENSE — In «Anais do Congresso da Língua Nacional Cantada» — São Paulo, 1938 — pp. 429-484.

(2) — Idem — DOIS MAPAS LINGUÍSTICOS DO CEARÁ — In «Anais do X Congresso Brasileiro de Geografia» — vol. I — Rio 1949 — pp. 521-522.

Na Faculdade de Filosofia do Crato, precisamente no dia 28 do mês citado, munidos de um aparelho de gravação magnetofônica, passamos à colheita do material lingüístico, por nós orientada segundo os planos que adiante exporemos.

1 — A REGIÃO E O HOMEM

1.1. A região do Cariri fica ao sul do Ceará, Estado pertencente ao Nordeste brasileiro. Abrange não só o vale do mesmo nome, como se estende a toda a zona que circunda a serra do Araripe.

Sem a errônea pretensão de rigidez na sua delimitação geográfica, apenas supondo — pelo que já é do nosso conhecimento — centralizar com mais segurança os nossos estudos, deliberamos situá-la na área territorial que lhe era atribuída antes da divisão estadual em "micro-regiões", efetuada pelo IBGE. Limitar-se-á, pois, com o Estado de Pernambuco, ao sul; o da Paraíba, a leste; os municípios cearenses de Assaré, Jucás, Várzea Alegre, Lavras da Mangabeira e Aurora, ao norte; e o município de Campos Sales, a oeste.

Nessa região se acham compreendidos 20 municípios, a saber: Abaiára, Araripe, Barbalha, Barro, Brejo Santo, Caririaçu, Crato, Farias Brito, Granjeiro, Jardim, Jati, Juazeiro do Norte, Mauriti, Milagres, Missão Velha, Nova Olinda, Potenji, Porteiras, Penaforte e Santana do Cariri.

A sua extensão territorial é calculada em 10.543 Km2 e apresenta, conforme dados referentes a 1970, fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, uma população orçada em 469.125 habitantes, revelando, por conseguinte, densidade demográfica um pouco acima de 44 habitantes por Km2. (3)

As fontes d'água perenes, que surgem nas faldas da serra do Araripe e irrigam as terras cultiváveis, mesmo nos anos de "sêca", ao lado da fertilidade e estrutura conveniente do solo, rico de calcáreo e humo, ocasionam o desenvolvimento da rendosa lavoura da cana-de-açucar, bem assim, a de outros pro-

(3) — Pompeu Sobrinho, T. — ESBOÇO FISIOGRÁFICO DO CEARÁ (3a. ed.) — Fortaleza, 1962 e O NORDESTE E SUAS FEIÇÕES GEOGRÁFICAS MAIS CARACTERÍSTICAS — In «Revista do Instituto do Ceará» — Fortaleza, 1938 — vol. 52 — pp. 134-135. Recentemente o IBGE adotou uma classificação dos Estados brasileiros em micro-regiões, de modo que os municípios do Cariri foram distribuidos em 4 micro-regiões (20, 21, 22 e 23) das quais, fazem parte também os municípios de Assaré Várzea Alegre, Aurora e Campos Sales, que — a nosso ver — não são rigorosamente caririenses. V. SINOPSE ESTATÍSTICA CEARÁ — Fundação IBGE — Rio, 1970.

dutos agrícolas, que contam na economia regional. Explica-se, deste modo, a relativa concentração demográfica nessa subárea nordestina.

O Cariri destaca-se, surpreendentemente, em confronto aos trechos áridos e secos do território cearense, a que vêm assolando, através dos séculos, verdadeiras calamidades de origem climatérica.

1.2. O nome da região é o mesmo pelo qual são conhecidos os seus primitivos habitantes — os indígenas da família Cariri, que teriam alcançado o rio Salgado, no Ceará, vindos pela chapada da Borborema, das margens e ilhas do rio São Francisco, onde se haviam estabelecido.

Pertenciam a um grupo étnico e lingüístico diferente do Tupi e do Jê. (4)

Do seu idioma talvez haja restado apenas algum topônimo, cuja etimologia ainda é objeto de controvérsia. O que se supõe certo, porém, é que só depois de 1700 vieram habitar as terras conhecidas por Cariris-Novos, os ádvenas que iniciaram a sua colonização, os quais eram sertanistas, oriundos da Bahia, Sergipe, Alagoas e Pernambuco.

Pelas razões já mencionadas, em síntese, devido às riquezas naturais do vale, foi que, provavelmente, ocorreu a convergência dos povoadores para a zona caririense, que se tornou depois populosa e cultivada.

1.3. Na opinião dos principais estudiosos do meio e do homem regionais, na formação racial das populações do sul do Estado é avultada a contribuição indígena, enquanto que nelas se registra pequeno coeficiente de sangue africano, apesar do predomínio da cultura da cana-de-açúcar, a qual, em outros Estados, requereu grande afluxo negro para o árduo trabalho nos engenhos.

O tipo físico do homem caririense não difere sensivelmente do que caracteriza o natural de outras partes do Ceará, pois não há dúvida que em todas as zonas do Estado se verificou "maior cruzamento leucodermo x xantodermo" — para usar as expressões do antropólogo Roquette Pinto. (5).

Parece-nos que apenas caberia assinalar, a propósito, a ocorrência de mais extensa e pronunciada braquicefalia, ao

---

(4) — Studart, Carlos — AS TRIBOS INDIGENAS DO CEARÁ — In «O Ceará» (2a. ed.). Fortaleza, 1945 — pp. 160-161. Segundo o etnógrafo e historiador cearense, depois de 1780 os Cariris fundiram-se na população rural da região.

(5) — Roquette Pinto E. — ENSAIOS DE ANTROPOLOGIA BRASILIANA — São Paulo. 1933 — pp. 148-149.

menos em relação à Capital e certos municípios nortistas. Contudo, não se efetuaram ainda — que saibamos — os estudos antropométricos necessários a um perfeito esclarecimento da matéria.

1.4. Não nos deteremos nas relações sócio-culturais, de origem mais próxima, decorrentes do fanatismo religioso, em que indivíduos procedentes do interior de Alagoas, Bahia, Pernambuco e até do longínquo Goiás, se dirigiam, em número avultado, à cidade caririense de Juàzeiro do Norte, a fim de pagar as suas promessas e fazer consultas ao famoso Padre Cícero Romão Batista. Romarias que nunca cessaram e ainda hoje atuam, pela sua frequência, na vida econômica daquele centro urbano.

Tomemos, porém, na devida conta o que um geógrafo da região considera acêrca da formação histórica e social do vale: — "Outro aspecto interessante a se registrar — escreve ele — é a afinidade que o vale sempre manteve e mantém com as populações de Pernambuco e Paraíba, conservando as suas tradições históricas, as suas relações de família, o seu comércio interestadual, desde a Colônia até os dias presentes. O caririense prefere as fazendas de Pernambuco e Paraíba para criar, às do Ceará. Conduz os seus gados anualmente para os sertões dos Estados vizinhos. O intercâmbio comercial e social é permanente. Os interesses domésticos são comuns. As lutas de família reúnem os homens do Cariri, de Pernambuco e da Paraíba nos grupos presos pelos laços de sangue nos respectivos Estados. Foi assim em todos os séculos da vida colonial, no Império e na República. E ainda continua com as mesmas normas. As famílias se entrecruzam. Os laços endógenos são mais comuns que os exógenos. A tradição estreita o círculo. Às gerações se sucedem dentro do mesmo ritmo".

Em outros passos de sua obra, o mesmo estudioso expressa-se de forma a esclarecer que o homem dalí, não diferindo fundamentalmente do cearense do resto do Estado, oferece alguns traços peculiares quanto à atitude e orientação no processo vital, às quais se revelariam, de modo particular, em suas migrações, efetuadas sempre no sentido do Sul e nunca para o norte do país, em direção à Amazônia; ao contrário do que, em regra, sucede aos habitantes das demais partes do Ceará. (6).

---

(6) — Alves, Joaquim — O VALE DO CARIRI — In «Anais do X Congresso Brasileiro de Geografia» — vol. III — Rio, 1952 — pp. 390-424.

1.5. As referências a essa caracterização regional do Cariri não provêm apenas desse intelectual nordestino e nem são de origem recente. (7).

Existem provas suficientes de uma consciência de particularização regional, que remontam ao ano de 1820, quando a Câmara Municipal do Crato toma a deliberação de encaminhar ao Governo Provincial uma representação propugnando pela fundação da "Província dos Cariris Novos", formada pelo sul do Ceará e trechos dos Estados vizinhos.

Sem falar em outras manifestações de idêntico sentido, ocorridas na região mencionada, trazemos à baila os projetos, aliás não atendidos, de autoria do Senador José Martiniano de Alencar, em 1839, e do Deputado Wilson Roriz, em 1957, ambos tratando de constituir uma nova unidade federada no sul do Ceará. No primeiro, integrariam a "Província do Cariri Novo" não só a parte respectiva do Ceará, mas ainda lugares da Paraíba, Pernambuco e Piauí. No segundo, o Estado do Cariri compreenderia apenas municípios cearenses.

Há também um estudo, de autoria do General João de Segadas Viana, publicado em 1940, em que se propõe a criação do "Estado de Araripe", separado do Ceará.

Em 1957, divulgou-se um folheto, separata da revista "Itaytera", editada em Crato, com o título de "Estado do Cariri", em o qual se estampa um "Hino da Campanha do Estado do Cariri", letra de autoria do escritor Otacílio Anselmo, e se pregam os mesmos ideais separatistas. (8)

1.6. Só no segundo decênio dêste século a ferrovia alcançou a zona caririense, ligando-a a Fortaleza. Foi durante muitos anos o principal meio de comunicação. Hoje, porém, supera-a a rodovia, muito procurada, com as dezenas de veículos motorizados a vencer diàriamente os longos quilômetros (mais de 500) que separam o Cariri da Capital do Estado.

Atualmente, há linhas de navegação aérea que fazem o percurso de Fortaleza a Crato e Juàzeiro do Norte, as principais cidades da região.

O tráfego continua intenso com as zonas limítrofes da

---

(7) — Seria interessante que se promovesse um inquérito, especialmente, nos níveis sócio-culturais baixos, a fim de sondar a consciência de Estado e mesmo a de região, não só no Cariri cearense mas nas zonas limítrofes de outros Estados. V., a propósito, o que realizou em Portugal Maria Helena Santos Silva (LA CONSCIENCE DE PROVINCE ET LA DIVISION GÉOGRAPHIQUE AU PORTUGAL — Lisboa, 1961).

(8) — ESTADO DO CARIRI — Separata da revista «Itaytera» — Crato, 1957.

Paraíba e Pernambuco e já se estende regularmente ao sul do país.

Laços culturais e econômicos ainda impelem fortemente o homem do Cariri às vias de comunicação com os Estados nordestinos mencionados.

II — A CULTURA POPULAR

2.1. Esse "intercâmbio social e comercial" dos habitantes do Cariri e os dos Estados limítrofes, especialmente da Paraíba e Pernambuco, que se operou durante o curso histórico, ainda hoje ocorre com regularidade e se reflete em alguns aspectos, tanto da cultura material, como da espiritual.

A realização do **Atlas do Cariri,** em sua parte folclórica, que aqui é tomada no sentido amplo de cultura popular tradicional, (9) encontra elementos a aproveitar, como caracterização regional, pois não se verificam normalmente em outros pontos do Ceará.

Citaremos: **cangalhas de albarda e talalbardão, cercas de avelós, milho e arroz como base alimentar,** predominando sobre a farinha de mandioca, especialmente entre as classes pobres, nos sítios e fazendas; o uso de **mangusta** (puréia de manga com leite — tabu alimentar em outras zonas estaduais), como sobremesa e merenda; traços próprios na **indumentária do vaqueiro,** etc., etc.

2.2. No campo dos divertimentos populares, da música e dança tradicionais, bastará citar a **cabaçal** ou **zabumba - de - couro,** que não pertence ao folclore dos municípios cearenses fora do Cariri, assim como o **milindô, o maneiro-pau** e alguns mais.

"Essa ocorrência — segundo outro estudioso caririense — é mais uma prova de que a colonização do vale foi realizada por elementos que não procediam do norte cearense"; e no entanto, "todos os folguedos difundidos no sul do Ceará encontram similares em Alagoas, Sergipe, Pernambuco e Bahia, e isso com raízes multisseculares". (10) Interessam bastante as expressões finais do texto, pois nos permitem consi-

---

(9) — Para nós, de acôrdo com uma corrente de estudiosos da cultura, o etnográfico concerne à cultura dos povos sem tradição escrita, os chamados selvagens ou primitivos — V. Seraine, F. — FUNDAMENTOS PARA UMA CLASSIFICAÇÃO DA MATÉRIA FOLCLÓRICA — In «Rev. do Inst. do Ceará» — Fortaleza. 1967.

(10) — Figueiredo Filho, J. de — O FOLCLORE DO CARIRI — Fortaleza 1962 — pp. 15-16.

derar à parte manifestações culturais mais recentes, trazidas por adventícios a Juazeiro do Norte, depois da implantação do fanatismo religioso.

Certamente, pesquisas mais acuradas poderão oferecer outros elementos culturais dignos de figurar em cartas folclóricas e exigir-se-á o traçado dos limites geográficos dos fatos, não só destes como dos demais peculiares à região.

Como no setor lingüístico, para lograr obra significativa, teremos de projetar as investigações aos municípios vizinhos ao Cariri, não só dentro do Ceará, mas além das fronteiras estaduais. E mais produtivo ainda, como realização científica, seria que tarefas idênticas fossem, ao mesmo tempo, empreendidas sistemàticamente por especialistas dos Estados limítrofes.

III — NO PLANO LINGÜÍSTICO

3.1. Convencidos, embora, da necessidade de respeitar o que acima se expôs, nosso plano de trabalho foi delineado no sentido de efetuar inicialmente a pesquisa em todos os municípios caririenses, para **in loco** obter os elementos a ser consignados na carta relativa a cada fenômeno lingüístico.

Tomamos como ponto de partida a cidade de Crato, o mais importante centro urbano da região, pelas suas condições social e cultural, embora demograficamente fique situado aquém da vizinha cidade de Juazeiro do Norte, que talvez lhe sobrepuje também no setor industrial.

A verdade, porém, é que, não só nas duas cidades referidas, mas em todas as outras do Cariri, as partes urbana e rural dos municípios se acham em intercâmbio permanente, se interpenetram culturalmente, de maneira contínua, cabendo ainda notar a realização, na maioria delas, de feiras semanais, que são ponto de atração dos rurícolas, moradores em vilas, sítios e fazendas próximos.

3.1.1. Nosso trato com a dialetologia cearense, revelado em algumas monografias já publicadas, (11) bem assim, o conhecimento antecipado de certas peculiaridades lingüísticas regio-

(11) — Serafim, F — V. além dos trabalhos citados: CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA FORMAÇÃO DE PALAVRAS NA LINGUAGEM POPULAR CEARENSE — In «Revista do Instituto do Ceará» — Tomo LXXI — Fortaleza, 1957 — pp. 5-29; ESTUDOS DE LEXICOGRAFIA E SEMANTICA CEARENSES — In «Anais do I Congresso Brasileiro de Folclore» — vol. III — Rio de Janeiro, 1954 — pp. 141-231; DIALETOLOGIA CEARENSE — MORFOLOGIA E ALGUMAS NOTAS SINTATICAS — In «Rev. do Inst. do Ceará» — Tomo LXXXI — Fortaleza, 1967 — pp. 155-192.

nais, já destacadas em estudos do autor sobre o falar geral do Ceará, facultará, sem dúvida, a tão procurada economia de tempo e esforços. É evidente que a nossa situação, a propósito, não se pode comparar à daqueles que, nada conhecendo do linguajar caririense, tiveram de recorrer, sem rumo predeterminado, a exaustivos inquéritos por correspondência e, mesmo, aplicados **in loco**, a fim de buscar, através dos seus resultados, apreender alguns fatos realmente importantes para a caracterização regional.

3.1.2. A investigação com o sentido puramente **diatópico**, pelo que concluímos de um exame à linguagem viva, oral, na área observada, não nos pareceu suficiente, podendo oferecer, na sua uniformidade sócio-cultural, incompleta apresentação dos variados aspectos da fala regional, em regra com mais de uma "norma" dentro do quadro lingüístico das cidades.

O critério **diastrático** passou a interessar-nos nessa primeira abordagem direta do falar da zona, procedida na cidade de Crato. (12) Tentaremos ainda a colheita do material lingüístico, tomando em consideração o critério **etário**.

Sendo assim, iniciamos as gravações em fita magnética pela pronúncia das oclusivas línguo-dentais **d** (sonora) e **t** (surda), bem como da nasal sonora **n**, seguidas da vogal **i**, tanto oral, como nasal, em sílabas inicial, medial e final, quer átonas, quer tônicas.

Fizeram-se gravações das pronúncias de três pessoas naturais de Crato, com idade entre 30 e 40 anos, das quais duas — uma, possuidora de regular instrução (monitora do Centro de Treinamento) e a outra, semiculta (contínuo da Faculdade) — leram no quadro negro as frases e vocábulos que havíamos previamente selecionado por conterem os fonemas cuja pronúncia nos interessava. Essas pessoas sempre viveram naquela cidade, eram filhos de indivíduos oriundos da região e não se deslocaram para outros lugares a não ser durante períodos muito estreitos — dias ou poucos meses.

(12 — Rona J. P. — ASPECTOS METODOLÓGICOS DE LA DIALECTOLOGIA HISPANO-AMERICANA — Montevidéu, 1958. V., especialmente, o capítulo «Los Niveles D'alectales en la América Española», em que há observações ajustáveis ao nosso caso brasileiro, como as que transcrevemos: «A determinação de fenômenos dialetais deve fazer-se em cada nível sócio-cultural separadamente. «Os dialetos hispano-americanos devem estudar-se em um sistema de diferenças tridimensional: no espaço, no tempo e na escala social (cultural), trabalhando com isoglossas de dois tipos: horizontais e verticais». «Dentro de cada falar regional há, pois, três tipos de palavras ou formas: primeiro, as que são comuns a todos os níveis; segundo, as que pertencem somente aos níveis altos; e, terceiro, as que correspondem apenas aos níveis baixos».

Quanto ao terceiro locutor, que era analfabeto, seguimos o plano da identificação de alguns objetos, escolhidos anteci-padamente por apresentarem em suas denominações as sílabas que procurávamos ouvir, assim como mantivemos com ele uma "conversação dirigida" sobre temas que se julgaram propícios à colheita do material desejado. Não nos coube recorrer, então, ao emprêgo de outras técnicas usadas nas **enquêtes** desse gênero, como a apresentação de gravuras, e poucas vezes apelamos para aquilo a que os franceses chamam de "réponse amorcée", que consiste em sugerir a palavra provável, esboçando a articulação de sua primeira sílaba.

O certo é que registamos sempre, em todos os níveis, nas pronúncias das língüo-dentais seguidas do fonema **i**, ligeira projeção da ponta da língua entre as arcadas dentárias, entre os incisivos superiores e os inferiores ou, pelo menos, a orientação do ápice da língua nesse sentido interdental. (13) Esse fato é comum aos naturais de zonas limítrofes e observa-se também nos riograndenses do norte. Esperamos em próximas gravações focalizar a pronúncia da lateral alveolar sonora **l**, seguida da vogal palatal **i**, com o objetivo de registar cuidadosamente o ponto de articulação fonêmica.

3.1.3. Com os mesmos locutores passamos a usar um questionário, adrede preparado, capaz de motivar respostas em que se verifica a omissão do artigo definido antes dos nomes próprios de pessoa, no colóquio normal, em desacôrdo com o que ocorre em Fortaleza e na região norte do Estado, onde o artigo, em tais casos, aparece, tanto só, como em combinação com as preposições **de, por, a**.

Chegamos à conclusão de que o fenômeno sintático era de registo geral na cidade de Crato. Exs.: "O livro é **de** Joaquim", "Eu me decidi **por** Amélia", "A casa pertence a Honório". "**Renato** tava brincando", "Aquele é **Chiquinho**", assim por diante. Já em Fortaleza é comum dizer-se: "O livro é **do** Joaquim", "Eu me decidi **pela** Amélia", "A casa pertence **ao** Honório", "O **Renato** tava brincando", "Aquele é **o** Chiquinho", etc.

M. Marroquim assinala a particularidade sintática caririense em Pernambuco, observando-a, nesse Estado, também

(13) — Não concerne evidentemente à «não palatalização das oclusivas d e t — conforme registra A. Nascentes — o fenômeno articulatório de que aqui nos ocupamos. V. o art. «Estruturalismo» da autoria desse filólogo publicado no «Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras» — U.E.G. — Ano I — Rio. 1962 — p. 62.

com relação aos substantivos comuns **mamãe, papai, titia, vovô**. (14).

Infelizmente, fomos obrigados a deixar o uso do magnetofone para o próximo reinício de nossas tarefas dialetológicas no Cariri, a fim de comprovar o mesmo tipo de sintaxe no tocante a esses substantivos comuns e, ainda mais, aos antropônimos.

Não há como negar o interesse cartográfico da última ocorrência, quando se sabe que é de praxe ouvir-se naquela zona: "Vim agora **do** Crato", "Amanhã estou **na** Barbalha", o inverso, portanto, do que lá ocorre relativamente aos antropônimos, e diferente do que se poderá verificar em Fortaleza, por exemplo, onde comumente se diz: "Vim **de** Crato", "Estarei **em** Barbalha", etc.

3.1.4. No domínio morfológico, pensamos em começar a investigação pelo feminino dos nomes terminados em **or** em virtude de havermos encontrado na região o uso do feminino **moradeira** por **moradora** (serviçal de fazenda ou sítio), que é o termo frequente em outras partes do Ceará.

3.1.5. Evidentemente, os fatos apontados, em especial o fonético e o sintático, nos parecem de bem maior significação para o que nos propomos basicamente, isto é, caracterizar um subfalar ou variedade do falar cearense na região do Cariri. Consoante aos juizos de J.P. Rona, sua importancia maior está em que os fatos são sentidos vivamente pelo ouvinte de outras zonas, com o caráter de diversificação lingüística. Há um impacto dos fenomenos na consciência dos ouvintes da Capital e de outras zonas fora do Cariri. (15) Entretanto, o léxico não deverá ser desprezado e será investigado segundo questionários próprios ao nosso desiderato cartográfico.

---

(14) — Marroquim, M. — A LINGUA DO NORDESTE — 2a. ed. — S. Paulo 1945 — pp. 175-176. O autor observa aí que em Alagoas os nomes próprios e os substantivos comuns citados «vêm precedidos do determinativo articular». (p. 175). A propósito, cumpre lembrar, entre outras, a opinião de Said Ali: «Em princípio, os nomes próprios de pessoa não levam artigo, porque aquele a quem falo em geral não conhece, uma por uma as pessoas que eu conheço. Seguem esta regra a linguagem literária e o falar culto...» «Na linguagem de intimidade e no falar do povo antepõe-se com frequência o artigo a nomes de pessoas conhecidas» (LEXEOLOGIA DO PORTUGUÊS HISTÓRICO — S. Paulo, 1921 — p. 102). Em espanhol os nomes de pessoa não são precedidos de artigo, ordinariamente. Apenas em alguns países, como o Chile, ocorre a anteposição do artigo aos prenomes femininos, uso este que não existe ou é apenas popular, nos demais países hispano-americanos. (V. Alonso, Amado e Ureña, P.H. — GRAMÁTICA CASTELLANA — 2.º Curso — 10a. ed. — Buenos Aires, 1951 — p. 49).

(15) — Rona, J. P. — Op. cit. — p. 22. Devem ser lidas e meditadas as cosiderações do autor acêrca dos «fenômenos que se devem estudar em um plano rigorosamente metodológico».

Desde já, indicamos o termo **peitoral** usado na região caririense em lugar de **guarda-peito**, peculiar à zona norte, para designar certa peça da indumentária do vaqueiro; a expressão **chapeado** que, em Fortaleza, equivale a **carreteiro** e **carregador**, etc.

Como já foram editados dois vocabulários do Ceará, um da autoria de Raimundo Girão e o outro de nossa lavra, (16) sugerimos, no ensejo, que uma instituição cultural — a Faculdade de Filosofia do Crato ou o Instituto Cultural do Cariri — em face das aludidas obras, que se ocupam do vocábulário geral do Estado, promovesse com brevidade a elaboração de um glossário de peculiaridades lexicais da zona sul. Os trabalhos cartográficos, nesse terreno, poderiam, assim, com maior eficiencia e prontidão, ser executados.

3.2. Enquanto os fatos, peculiares ao Cariri, que aqui ressaltamos, poderão ser observados em todas as classes sociais, isto é, revelar caráter de generalização, existem outros que são registados apenas em níveis sócio-culturais incultos. Citamos o exemplo da vocalização dos fonemas **l** e **r**, preconsonânticos, finais de sílaba, que se convertem na semivogal **i** (y), verificável entre pessoas incultas de localidades próximas a Paraíba e Pernambuco. Exs.: **saygádu** (salgado), **sèykádu** (cercado), **pôyku** (porco), **kuypádu** (culpado), etc. Será indispensável traçar os limites dessas ocorrências fônicas dentro do mapa regional e acompanhá-las além das fronteiras estaduais, tendo em mira o sentido diastrático que se procura sempre imprimir às pesquisas dialetológicas. Não esqueçamos de que Marroquim se ocupou dos fenomenos citados quando estudou as linguagens de Pernambuco e Alagoas (17).

3.3. Alguns fatos lingüísticos que nos parecem distinguir o falar cearense geral dos falares dos Estados fronteiriços atuantes sobre o do povo do Cariri, devem ser objeto de pesquisas cuidadosas.

Indicamos a elaboração das seguintes cartas, atinentes a níveis sócio-culturais distintos dentro de cada localidade escolhida:

1 — pronúncia da lateral alveolar sonora **l** em final de sílaba, tanto inicial, como medial ou final de vocábulos. Sabe-

(16) — Girão, R. — VOCABULARIO POPULAR CEARENSE — Fortaleza, 1967; Seraine, F. — DICIONARIO DE TÊRMOS POPULARES (REGISTRADOS NO CEARÁ) — Rio, 1960.

(17) — Marroquim, M. — Op. cit.- ed. cit. — pp. 85-91 e 98.

se que a **norma** geral da pronúncia cearense assinala uma articulação nitidamente velarizada (u) do fonema consonantal. Sua apócope ocorre apenas em níveis sócio-culturais muito baixos. Exs.: **kawsáda** (calçada), **Rõmiwdu** (Romildo), **kòrõnéw** (**coronel**), quintal (**kintáw**). Difere, pois, da pronúncia de paraibanos, pernambucanos, alagoanos, entre os quais ocorre a transformação do **l** em **r** ou **i**, quando medial em encontros consonontais disjuntos; e sua queda ou transformação em **r**, quando final de vocábulo, não só nos níveis baixos, mas ainda, embora em escala inferior, em outros níveis. Exs.: **karsáda** ou **kaysáda** (calçada), **Rõmirdu** (Romildo), **kòrõné** (coronel), **papér** (papel), **kintár** (quintal) etc. etc. Essa diferenciação articulatória é conhecida até de leigos e já foi mencionada em trabalhos de alguns estudiosos cearenses e do próprio autor desta contribuição. Menos conhecida, e talvez só divulgada por nós em artigo, é a pronúncia do **l** pelos piauienses, que, em razão de havermos permanecido quase dois anos no vizinho Estado do Piauí, afirmamos apresentar uma das raras articulações corretas desse fonema consonântico, em nosso país. Nos níveis culto e semiculto percebe-se sempre o **l** como uma constritiva lateral alveolar sonora. Exs.: **sòldádu, kalsáda, kòrõnél, kapitál,** assim por diante. Em níveis inferiores podem ouvir-se mesmo pronúncias como **òtélu** (hotel), **kòrõnélu** (coronel) etc., em que se manifesta a tendência regional da articulação do fonema, comparável ao que se observa, no Ceará, com referência à pronúncia inculta, ultracorretiva, de **boné**, que passa a **bõnéw**. O estudo cartográfico da consonância **l**, distribuído nas diversas regiões do Nordeste, sempre nos pareceu da maior significação e, em nosso caso especialmente, porquanto a classificação do linguajar caririense como subfalar ou variedade do falar cearense poderá estar na dependência da articulação desse fonema nos diferentes níveis sócio-culturais, ao ser considerada idêntica à de Fortaleza e trechos outros do Estado.
2 — articulação da vibrante simples alveolar sonora **r** nas mesmas situações silábicas do **l**. Podem apontar-se identidades e diferenças entre a sua pronúncia pelos cearenses e pelos naturais de Estados limítrofes. No colóquio descuidado, até entre pessoas cultas, é comum, em todo o Nordeste, a síncope do **r**, pertencente a grupos consonanticos reais (**br, dr, gr** etc.) Exs.: "**Ábi** a pórta" (Abre a porta), "Mi dê u **sábi**" (me dê o sabre), "A frúta tá **pôdi** (A fruta está podre), "Akilu é um **pádi sabidu**". (Aquilo é um padre sabido), "**Nêgu senvèrgõia** (Negro senvergonha) etc.

Por outro lado, nos encontros consonontais disjuntos percebe-se fora do Ceará, como norma de certos níveis, a vocalização (i) com gradações, às vezes, entre o **i** e o **r**, que se não ouvem em nosso Estado mesmo em níveis baixos, mas são frequentes em outras partes nordestinas, tanto nesses níveis, como entre semicultos e, quiçá, cultos. Podemos observar extensamente o fenomeno em Maceió, onde residimos quase um ano. Exs.: **póyrta** (porta), **kóyrda** (corda), **sáyrta** (salta) etc. etc. Pronúncia esta, que certamente não é verificável apenas no Nordeste, mas em áreas diversas do território nacional.

3 — articulação das consoantes fricativas alveolares **s** (surda) e **z** (sonora) em final de sílaba, com atenção particular para a ocorrencia do **chiamento** ou **palatalização**, registável em Estados confinantes, à semelhança do que se verifica nas pronúncias carioca e paraense, mas nunca presente na fala normal cearense.

4 — verificação das pronúncias **fáy** por faz, **fêy** por fez, **rapáy** por rapaz, **máy** por mas (**máys**), em níveis sócio-culturais inferiores. Como se sabe, na fala nordestina, em geral, alargam-se os nomes terminados por uma vogal tonica seguida de **s** ou **z**, com o acréscimo de um **i** depois da tonica (**rapáys, fêys, fáys, máys** etc). Registamos a eliminação do **s** na Paraíba, e Marroquim, em Pernambuco e Alagoas, nas classes incultas, persistindo a ditongação surgida com a epêntese do **i**.

5 — pronúncia da lateral palatal sonora **lh** — pesquisa diastrátira, tendo em mira a despalatalização: tipo **mulé** (mulher), **culé** (colher, culher), bem assim, a vocalização: **muyé, cuyé** etc. A despalatalização parece-nos mais peculiar a outras zonas nordestinas, que não a cearense.

3.3.1 No âmbito da Fonética, recomendar-se-á ainda a investigação de alguns fatos, por nós anotados como peculiaridade de zonas rurais do norte do Ceará, a exemplo da palatalização do encontro consonontal disjunto **st**, como no vocábulo **êste**, em que o encontro aludido adquire o som da fricativa palatal surda.

Examine-se também, na zona caririense, a pronúncia da consonância **v**, normalmente uma fricativa lábio-dental sonora, que se transforma em ligeira aspiração faríngea ou é ouvida como um sopro surdo velar ou uvular na fala rural, inculta e até semiculta, das zonas centro e norte do Estado. Exs.: **ka(h)álu** (cavalo), **(h)áca** (vaca), **no(h)éla** (novela), **(h)i** (vinho, vim) etc. O fenômeno, que se buscará perceber na

cadeia sonora da frase, não atinge apenas o **v**, mas também o **s**, como em países hispano-americanos (18). Ex.: **Ta(h)endu?** (Está vendo? Tá vendo?), **Ma(h)êw** (Mas eu) etc.

Não deve passar despercebida a apócope do **o** (u) que se segue em hiato ao ditongo **ei** (ey): **mêy** (meio), **chêy** (cheio) etc. O fenômeno alcança mesmo a linguagem culta coloquial. Cumpre ainda investigar, especialmente, nos níveis culturais médio e inferior, a pronúncia de vocábulos como **amarelo, cavalo, Camilo, Melo,** etc., em que se observa, com a apócope do **o** (u) final, a formação de um ditongo decrescente. A vogal tônica junta-se ao **i**, cuja articulação se confunde com a da semivogal anterior **u** (w). Exs.: **ãmaréw** (amarelo), **kaváw** (cavalo), **kãmíw** (Camilo), **Méw** (Melo) etc. Percebem-se tais fatos na região Norte — Serra Grande, Acaraú etc. É claro que todas essas ocorrências, ora ressaltadas, mas em particular a pronúncia faucal do **v**, a articulação das oclusivas línguo-dentais **d, t** e **n**, o rotacismo e a vocalização do **r** preconsonântico não podem dispensar a análise instrumental, isto é, o recurso às técnicas e aparelhos usados pela Fonética experimental, para melhor conhecimento dos sons e suas gradações e matizes.

3.4. De grande importância será, decerto, o estudo romparativo das entonações "normais" em relação ao Ceará e Estados adjacentes.

3.5. Nos domínios da Morfologia propriamente dita e da formação de palavras, além do que já se acha observado, poder-se-ão empreender as tarefas dialetológicas regionais tendo em vista os nossos trabalhos a respeito, de sentido geral quanto ao Ceará, os quais são fruto de extensas pesquisas "en direct" por pessoa habitante do Estado desde a infância, não só na Capital como em algumas localidades interioranas. Sugerimos, ao mesmo tempo, um exame aos capítulos respectivos do estudo de M. Marroquim sobre Pernambuco e Alagoas. Essas obras ajudarão a um alcance maior da investigação, pois, através de um confronto das mesmas, poderemos selecionar fatos de real importancia e obter assim, sem dispender esforços demasiados, elementos positivos a uma identificação mais precisa da área em estudo.

---

(18) — Ureña P. H. — EL ESPANOL EN SANTO DOMINGO — Buenos Aires, 1940 — pp. 147 e 165, onde se acentua que o fenomeno é também europeu. V., ainda, Vital de Battini, Berta Elena —EL ESPANOL DE LA ARGENTINA — Buenos Aires, 1954 — pp. 65 e segs.

3.6. Ainda, com o mesmo propósito, implantar-se-ão as atividades concernentes à recolha do léxico, procedendo-se a **enquêtes** baseadas em orientações traçadas por especialistas do tema no domínio lingüístico português. (19) Os seus modelos de questionários deverão, não obstante, ser adaptados aos aspectos da cultura e da natureza regionais a ser pesquisados dialetologicamente, tomando-se em consideração as divergências encontráveis nesse sentido, não somente de Portugal para o Brasil, como ainda dentro do nosso próprio país (20).
A advertencia cabe ser efetuada, sobretudo, quando se tiver de empregar a técnica dos desenhos ou ilustrações, recomendada por autoridades e cujo manejo se faz imprescindível em presença dos analfabetos. (21)

3.7. Não será demais frisar que os dados folclóricos — e bem o acentuou Paiva Boléo no tocante a Portugal — poderão trazer achegas de valor à delimitação da área lingüística regional (22).

IV — CONCLUSÕES

4.1. Em face dos resultados que já podemos colher dos estudos dialetológicos de alguns autores sobre o Ceará em geral (23), e de outros acerca de Estados limítrofes (24), além do co-

---

(19) — Paiva Boléo, M. de — O ESTUDO DOS DIALETOS E FALARES PORTUGUÊSES (Um inquérito linguístico) — Coimbra, 1942 e O INTERESSE CIENTÍFICO DA LINGUAGEM POPULAR — Lisboa, 1943; Silva Neto S. da — GUIA PARA ESTUDOS DIALETOLÓGICOS — Florianópolis, 1955 e MANUAL DE FILOLOGIA PORTUGUESA — Rio 1957 (2a. edição) — pp. 231 e segs.: Rossi, Nelson - ATLAS PRÉVIO DOS FALARES BAIANOS — Rio, 1965; Nascentes, A. — BASES PARA A ELABORAÇÃO DO ATLAS LINGUISTICO DO BRASIL — Rio, 1959.

(20) — A êsse propósito, merecem consideração os seguintes trabalhos, mais recentes: Bunse, H.A.W. — ESTUDOS DE DIALETOLOGIA NO RIO GRANDE DO SUL — Porto Alegre, 1969 e Vilas-Boas da Mota, A. — MUTIRÃO (Inquérito linguístico — etnográfico — folclórico) — Goiânia, 1964.

(21) — V. Sapon, S. — CONTRIBUICIÓN METODOLÓGICA A LA ENCUESTA DIALECTAL — In «Actas do IX Congresso Internacional de Linguística Românica — Vol. III — Lisbóa 1962 — pp. 60-77; Badia-Margarit, A. M. — «LA VOZ DE LA TIERRA» (Langues et parlers d'Espagne en disques-Plans et méthodes) In «Actas» cit. — vol. cit. pp. 43-49.

(22) — Paiva Boléo, M. de e Santos Silva, M. H. — O MAPA DOS DIALETOS E FALARES DE PORTUGAL CONTINENTAL — In «Actas» cit. — vol. cit. — p. 106.

(23) — Martins de Aguiar, A. — FONÉTICA DO PORTUGUÊS DO CEARÁ — In «Revista do Instituto do Ceará» — Tofo LI — pp. 271-307 — Fortaleza (Ceará) 1937.

(24) — V. Além da op. cit. de M. Marroquim, o artigo de Ademar Vidal — O SUBDIALETO DO NORDESTE — In «Anais do Congresso da Língua Nacional Cantada» — pp. 285-294. Nesse trabalho há referências esclarecedoras sobre o linguajar da Paraíba.

nhecimento direto que possuimos do linguajar de Alagoas até o Piauí, cremos poder partir da concepção de um falar (ou subfalar) cearense, capaz de ser distinguido na área lingüística nordestina, onde, aliás, já se reconhecem fenomenos distintivos dos falares de outras áreas brasileiras. Sem nos determos em notórias peculiaridades léxicas e semanticas, destaquem-se entre aqueles fatos, como norma em todos os níveis sócio-culturais, a realização fonica do dígrafo **nh**, intervocálico (ditongo nasal com a vogal precedente: **Mar(ãy)ãw** (Maranhão), **disp(õy)u** (disponho) etc; a pronúncia dos encontros vocálicos finais **iu** e **uí**, como nos vocábulos **frio, rio e ruim (hiato)**: nasalização por contiguidade (**dõminiu, kãnê-ta, Jãnêru** etc); articulação dos tritongos (nos grupos **qu** e **qu**, como em francês, não se pronuncia o **u** quando é seguido por **e** ou **i**: **frè(ken)tá** (frequentar), **li(ki)dá** (liquidar), **Gwaratin-(ghê)tá** (Guaratinguetá); timbre reduzido da vogal **e** (i) na preposição **de** e não seu fechamento (**dê**) **ou** abertura (**dè**); enfim, a tão apregoada "abertura de vogais pretônicas em vocábulos que não sejam diminutivos ou advérbios em **mente**", a qual merece estudos acurados com vistas à metafonia e em sentido diacrônico, evitando-se, deste modo, o estabelecimento de distinções que não existem, como aquela, apontada por Renato Mendonça, do ensurdecimento das vogais pelos paulistas, a exemplo das pronúncias **tisôra, piqueno, tabuleta, dumingo**, integrantes também do falar geral cearense. (25)
Ainda, a propósito, cabe referência especial ao confronto das entonações peculiares a cada área lingüística brasileira com as nordestinas e, dentro do Nordeste, as das entonações típicas de cada uma de suas principais regiões.

4.2. Afora essa análise, que requer conhecimentos especializados, o estudo das "variantes" fonêmicas de maior relevo a ser observadas entre cearenses, paraibanos, pernambucanos e piauienses incidirá — como atrás referimos — sobre a articulação das consonâncias **l** e **r** pósvocálicas, em final de sílaba. Cumpre que as pesquisas a respeito sejam procedidas sempre sob os critérios **diatópico e diastrático**.

4.3. Dos ângulos morfo-sintático e léxico, as influencias mais ou menos atuantes, segundo os respectivos trechos estaduais, do substrato indígena e do adstrato africano, especialmente do

(25) — Mendonça, Renato — O PORTUGUÊS DO BRASIL — Rio de Janeiro, 1936 — p. 225. V. ainda Nascentes A. — O LINGUAJAR CARIOCA — 2a. ed. Rio 1953 — p. 25.

último, são, decerto, para se tomar em consideração, por toda a área nordestina. Dentro do próprio Ceará, em certas zonas e camadas sócio-culturais, o uso ainda vigente dos termos **cunhã (kuyã)** e **curumim (kurumi)** não deverá passar despercebido, pois não foram eles incorporados ao português geral. Nos lugares onde houve presença constante e vultosa do elemento negro há-de o pesquisador encontrar qualquer traço denunciativo. E nas pequenas localidades que permaneceram longo tempo isoladas do tráfego cultural a investigação poderá surpreender, aqui e ali, mais pronunciado caráter conservador da linguagem antiga.

4.4. Será, pois, uma hipótese de trabalho, para a qual estudos posteriores deverão procurar bases indiscutivelmente científicas, essa, do reconhecimento de uma "área nordestina", onde se realizará, ao lado de outros falares, um "falar cearense" que, depois de tudo, não se possa, quiçá, considerar mais do que um "subfalar" dentro do falar nordestino ou mesmo brasileiro.

Seja como for, e no estado atual de nossos conhecimentos sobre a matéria, o que buscamos é completar uma investigação iniciada com o devido respeito às prescrições metodológicas, no propósito de consolidar o ponto-de-vista, que já podemos erguer, de uma delimitação da zona caririense dentro da área ou subárea lingüística a que pertence o Ceará.

4.5. Uma noção antropológica — a de "cultura marginal" — constituiu-se em nossa idéia diretriz, a respeito, oferecendo projeções eurísticas. Estabeleceu-se a pressuposição básica de que estaríamos, no caso, ante uma região como manifestações culturais que "permanecendo suficientemente análogas às do povo escolhido como tipo ou centro, dela difere por receber elementos das regiões contíguas" — de acordo com os dizeres de M. Herskovits (26). Isso será patente, tanto na órbita da cultura popular ou do folclore, como na lingüística propriamente dita.

Fatores geográficos e históricos, em particular os últimos — pelo que antes se expôs — devem ser apreciados como bastante significativos para a compreensão dos fenomenos, resultantes de prolongado e cada vez mais ativo intercâmbio sócio-cultural. Trata-se do que Saussure (27) considera "la

(26) — Herskovits, M. — MAN AN HIS WORKS — N. York, 1948. Há tradução em português: ANTROPOLOGIA CULTURAL — 2 vols. — S. Paulo 1963-1964. V. o tomo I — pp. 222-223.

force d'intercourse", no capítulo em que estuda a propagação das "ondas lingüísticas". Infelizmente não dispomos de elementos documentais que nos permitam estabelecer as épocas em que se teriam implantado na região caririense do Ceará aqueles fatos culturais e lingüísticos comuns às zonas limítrofes.

A Geografia Lingüística poderá um dia trazer rumos elucidativos, a considerar o que afirmaram lingüistas experimentados, a exemplo de Meillet e outros (28).

4.6. O certo, porém, é que o homem do Cariri tem consciência de pertencer à sua terra e encontra ainda hoje na Paraíba e Pernambuco motivações humanas e culturais mais firmes do que em outras zonas do próprio Ceará.

Razões ponderáveis devem ter influenciado àqueles que, como o ilustre Senador Alencar, não vacilaram em propor a separação administrativa da parte sulina do Ceará, nela incluindo municípios de províncias adjacentes. Ponto relevante no trabalho dialetológico, decerto, consistirá no perfeito esclarecimento de se a região do Cariri deve ser desligada do Ceará e incorporada a diferente subárea ou área lingüística, com o seu **focus** ou centro aí verificável, ou acusará uma variedade de falar (ou subfalar) cearense, por apresentar os principais traços estruturais característicos deste, embora receba influencias de falares extra-estaduais.

4.7. Os estudos de Geografia Lingüística regional, efetuados criteriosamente, seguindo aquelas três etapas que preconiza E. Coseriu (29), alcançarão por fim a análise e a interpretação do material proporcionado pelos mapas. Conforme antes sugerimos, a colheita do material lingüístico, com o objetivo de traçar as isoglossas dos "fatos mais importantes", não deverá recuar ante fronteiras estaduais e talvez necessite de ser empreendida numa extensão territorial mais vasta do que, não raro, se supõe. Realizada, porém, com acerto, isto é, tomando em apreço aquele princípio de que "para determinar

(27) — Saussure, F. de — COURS DE LINGUISTIGUE GÉNÉRALE — 2a. ed. — Paris, 1923 — pp. 281 e segs.

(28) — V. Meillet, A. — LA METHODE COMPARATIVE EN LINGUISTIQUE HISTORIQUE — Oslo, 1925 — pp. 71.

(29) — Coseriu, E. — LA GEOGRAFIA LINGUISTICA — Montevidéu, 1956 — pp. 35 e segs.

um limite é necessário ir além do limite" (30), poder-se-á atingir as origens históricas e culturais daquelas ocorrências de interesse dialetológico, lograr uma distribuição correta dos falares regionais e, com isso, obter muito menos possibilidades de erro no traçado das áreas e subáreas lingüísticas brasileiras.

Verifica-se, pois, que nesse terreno nada se poderá concluir nem determinar **a priori**, e sim **a posteriori**, razão pela qual se faz mister que as investigações sejam promovidas sistemàticamente e com a cooperação organizada de especialistas de todas as unidades da federação. Deve-se não esquecer que para conseguir a explicação de certos fenomenos, registáveis em áreas lingüisticas distintas, e ausentes, às vezes, em pontos da mesma área, a pesquisa exercida sobre cada aspecto dialetal através de todo o país será mais importante do que o estudo de um falar local em todos os seus aspectos. (31).

Ao concluir, pensamos que, visando a uma execução mais imediata de levantamentos cartográficos, os resultados de nossos trabalhos no Cariri poderão estimular a pesquisas dialétológicas em outras regiões do país, semelhantes àquela zona pela localização geográfica e em aspectos básicos na formação histórico-social dos seus habitantes.

(30) — Rona J. P. — Op. cit. — p. 18. Reproduzimos, por julgá-las do maior significado, as expressões textuais do autor: «Enquanto não se conhece a situação geográfica exata de uma isoglossa, não basta estudar o fenômeno onde se dá e dizer que ali se dá. Isto nos indica a existência, porém, não a sua extensão». E bem lembradas devem estar aquelas já antigas, mas sempre válidas, observações de A. Dauzat: «As Cartas costumam revelar como as isoglossas de certos fatos nunca apresentam lineamentos bem definidos e que no contorno das regiões naturais não é comum encontrar-se fronteiras linguisticas precisas, e sim feixes de traços linguisticos», que raramente coincidem e formam uma zona confinante, não um limite nitido». (LA GEOGRAPHIE LINGUISTIQUE — Paris, 1948 — pp. 156-157).

(31) — Rona, J.P. — Ib. — p. 21.

OBSERVAÇÃO — Devido à falta de matrizes, na tipografia onde foi impresso este trabalho não nos foi possivel empregar as notações fonéticas que se faziam necessárias.

Todavia, cumpre-nos acentuar que indicamos por letra em tipo menor e um pouco elevada o som reduzido da consonância r, como em **póyrta** (porta), **sáyrta** (salta), e por h a pronúncia faucal do v em **kahálu** (cavalo) e do s em **Mahéw** (Mas eu).